

Papá dá licença?

POR UMA
PARENTALIDADE PARTILHADA

QUANTOS

PASSOS?

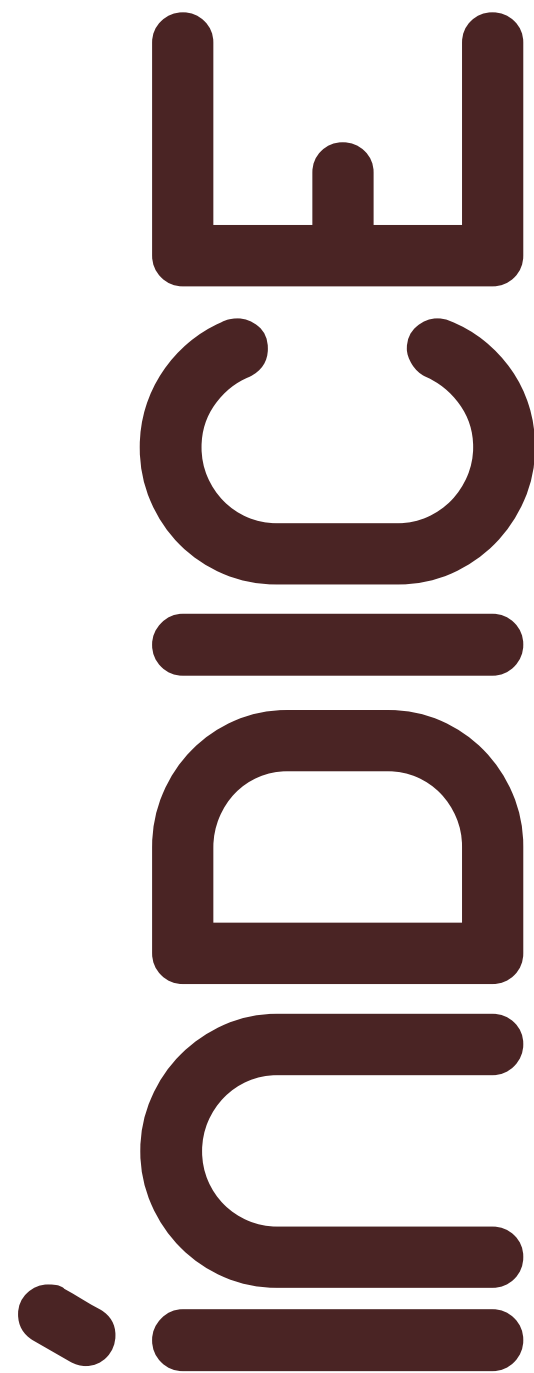
Edição: Graal

Rua Luciano Cordeiro, n.º 24, 6.º A, 1150-215 Lisboa

TIF: +351 213 546 831 | Fax: +351 213 142 514

Data: Junho de 2013

Design e Paginação: Atelier Santa Clara, Design e Comunicação



A presente publicação inscreve-se nas actividades do projecto **"Papá dá Licença? Por uma Parentalidade Partilhada"** que ganhou vida na área metropolitana de Lisboa. Foi financiado pelo POPH/CIG e é uma iniciativa do Graal, movimento internacional de mulheres com a missão de "construir uma cultura do cuidado", tendo em vista o futuro do planeta e a qualidade de vida da humanidade.

Em Portugal desde 1957, o Graal tem vindo a desenvolver várias iniciativas, programas e projectos com vista à promoção da igualdade entre homens e mulheres, envolvendo diversos públicos, parceiros e contextos. O tema da conciliação entre a vida profissional e a vida familiar/pessoal tem estado no centro da acção do Graal, desde 1998.

O projecto **"Papá dá Licença?"** inscreve-se nesta linha de intervenção e parte da convicção, reforçada por projectos e processos anteriores, de que a concretização da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens e a possibilidade de conciliação da vida profissional com a vida familiar/pessoal dependem, em larga medida, da divisão equitativa, entre homens e mulheres, das tarefas e responsabilidades domésticas e familiares.

O **"Papá dá Licença?"** desenvolveu-se ao longo de 2 anos. Durante esse período, além de se auscultarem diferentes actores, elaboraram-se e divulgaram-se folhetos de sensibilização dirigidos a potenciais utilizadores das licenças parentais, a profissionais de saúde e a empregadores; foram também realizadas acções

de sensibilização sobre "novas paternidades", nas quais participaram cerca de 200 pessoas.

Através destes contextos e instrumentos de sensibilização, procurou-se contribuir para: aumentar a utilização das licenças parentais por parte dos homens; estimular o seu envolvimento no cuidado e na vida dos filhos e filhas; reduzir a pressão social, laboral e económica que é exercida sobre os homens, para que não utilizem as licenças parentais. Pretendeu-se também suscitar o questionamento e a desconstrução dos modelos tradicionais de masculinidade e de feminilidade e favorecer a emergência de novas concepções, comportamentos e atitudes face à paternidade – que poucas vezes é equiparada à maternidade, enquanto valor e responsabilidade social.

Esta publicação resulta do cruzamento das perspectivas de vários actores sobre a partilha e o gozo de licenças parentais por parte dos homens e sobre um novo lugar, que alguns já ocupam, nas suas famílias, na vida e no cuidado das crianças. Baseia-se na informação recolhida ao longo de 23 entrevistas semi-directivas* a 7 homens e 7 mulheres que partilharam a licença parental, a um pai de uma família monoparental que gozou da licença por adopção, a 4 profissionais de saúde empenhados na promoção da paternidade activa e a 4 empregadores atentos às dificuldades de conciliação trabalho-família e empenhados na redução das tensões e constrangimentos que limitam o envolvimento dos seus colaboradores nos "ofícios de pai".

* Foram atribuídos nomes fictícios para garantir o anonimato das pessoas entrevistadas e a confidencialidade das respostas.

Inclui também conteúdos recolhidos através de conversas colectivas com 17 crianças, com idades entre os 5 e os 6 anos, que frequentam o Jardim de Infância de São José do Agrupamento de Escolas Baixa-Chiado, em Lisboa.

O texto que agora se propõe foi ainda enriquecido pelos conteúdos das intervenções, realizadas no contexto do Encontro Final do Papá dá Licença?, de José Francisco Sánchez, Coordenador da *Asociación de Hombres por la Igualdad de Género* (AHIGE), de Espanha, de Maria do Céu Cunha Rêgo, jurista e perita em igualdade e de Karin Wall, investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Partindo do amplo e diversificado material resultante das entrevistas e conversas referidas, procurou-se trazer à luz novas concepções de paternidade e de masculinidade; partilhar experiências de paternidades "bem vividas"; dar visibilidade tanto às barreiras e dificuldades como aos ganhos associados ao gozo das licenças parentais por parte dos homens. Pretendeu-se ainda dirigir a diferentes actores algumas recomendações consideradas úteis para potenciar o envolvimento paterno e para promover a possibilidade de os homens utilizarem as licenças previstas na lei, aquando do nascimento de uma criança.

A publicação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, **"Papá dá Licença? Ainda não! Sobre as razões que impedem novos passos..."**, apresenta-se um conjunto de obstáculos e constrangimentos ao gozo das licenças parentais por parte dos homens.

No segundo capítulo, **"Papá dá Licença? Sim! Sobre as condições que facilitam novos passos"**,

identificam-se factores culturais e legais que se reconhecem como favoráveis à partilha e ao gozo das licenças parentais pelos pais. De seguida, no capítulo **"Sobre os ganhos associados aos passos dados"**, dá-se conta de gratificações e avanços percebidos e vivenciados na partilha das licenças parentais.

Finalmente, no capítulo **"Recomendações para passos de Gigante..."**, deixam-se sugestões concretas, para diferentes actores, tendo em vista criar condições para a co-responsabilização dos pais e das mães pelos cuidados dos filhos e das filhas, para que cada vez mais homens "dêem licenças".

No jogo tradicional "Mamã dá licença?", que inspirou o nome deste projecto e que faz parte das memórias partilhadas das brincadeiras de infância, a "mamã" decide quantos e que tipo de passos são dados. Há passos de canguru, de tesoura, de formiga, de caranguejo, de gigante...

Este projecto propõe uma alteração das regras do jogo tradicional. E a primeira alteração reside na inclusão do pai – não caberá apenas à "mamã" dar "licença", pergunta-se também ao pai: papá dá licença?

A segunda alteração que se propõe ao jogo é a exclusão dos passos de caranguejo (para trás) e a multiplicação dos passos de gigante, rumo à linha da meta, onde nos esperam pais que assumem, com gratificação, a responsabilidade de acompanhar de perto e cuidar dos seus filhos e das suas filhas.

Fica assim expresso o desejo de que a leitura desta publicação incentive esses passos!



Papá dá Licença? Ainda não!

1. *Sobre as razões
que impedem
novos passos...*

1.1. Pressões do mundo laboral

Ao longo das entrevistas realizadas neste projecto, os constrangimentos impostos pelo mercado de trabalho são evocados, de forma recorrente, para explicar a subutilização das licenças por parte dos homens.

Apesar de a lei e a sociedade tenderem a reconhecer progressivamente a necessidade e a importância do envolvimento da Figura paterna na vida dos seus Filhos e das suas Filhas, a verdade é que muitos homens partilham a percepção de que não podem usufruir destes direitos.

Existe a possibilidade do benefício de licenças e baixas associadas ao desempenho parental, mas são poucos os homens que sentem que têm espaço, nos seus empregos, para usufruir destes direitos consagrados na lei.

As transcrições que se seguem evidenciam obstáculos e constrangimentos associados ao desempenho envolvido da paternidade e dão conta de tensões e pressões colocadas sobre os homens para que não usufruam dos direitos previstos na lei.

"O meu marido andava muito angustiado em relação ao que aconteceria com a sua vida profissional. Teve medo de ser mandado embora." [Mãe da Catarina]

"A minha directora da época não me pareceu muito satisfeita com a minha decisão." [Pai da Mariana]

"Tive medo de ser posto de lado na empresa..." [Pai da Catarina]

"Os homens sentem que, se usufruírem da licença, são vistos como aqueles que não querem crescer na empresa." [Mãe da Bruna]

"Há uma pressão brutal por parte dos empregadores que faz com que a pessoa, mesmo tendo o direito, sabe que não pode usufruir do mesmo. Está previsto na lei, mas quem usufrui deste direito acaba por sofrer represálias." [Mãe do Filipe]

"Quando trabalhava numa outra empresa, recordo-me, de quando saiu esta nova lei da parentalidade, ouvi de um director que o primeiro empregado que viesse pedir para usufruir deste direito, que entrava na sua lista negra [...] Acontece em algumas empresas, existir aquele receio de não ter o contrato renovado ou ser mandado embora se se usufruir da licença". [Técnica de Recursos Humanos de empresa com 150 colaboradores/as]

Foram ainda identificadas algumas especificidades relacionadas com o tipo de vínculo laboral, reconhecendo-se que vínculos precários e instáveis inibem a opção dos homens de gozarem estas licenças.

"Quando o vínculo de trabalho é efectiva, é muito mais fácil um pai utilizar a licença. Se um trabalhador com contrato a termo avisar que vai usufruir da licença é bem provável que o patrão diga para continuar o resto do tempo em casa." [Pai da Marta]

"O contexto profissional pode não favorecer o gozo da licença, hoje há a insegurança nos vínculos laborais." [Pai do Filipe].

Foram ainda diferenciadas, ao longo das entrevistas, os níveis de pressão, associados a diferentes contextos de trabalho, sendo amplamente partilhada a ideia de que o meio empresarial é mais adverso ao gozo deste tipo de licenças do que o emprego público.

O pai da Bruna, por exemplo, refere que não teve receio que a decisão da partilha da licença parental prejudicasse o seu estatuto profissional, uma vez que **"na administração pública, não existe este estigma"**.

"No mercado de trabalho mais competitivo, esta decisão não é bem vista. Na empresa onde trabalho, não é fácil para um homem usufruir destas licenças." [Mãe da Marta]

"O meio empresarial é muito machista. Há pouco tempo ouvi, sobre um colega que tirou licença parental, que "também tinha engravidado." [Mãe da Eleonora]

1.2. Desvalorização da participação paterna pelos empregadores

A percepção de que os homens sofrem mais pressões do que as mulheres para não gozarem as licenças associadas ao nascimento dos seus Filhos e das suas Filhas aparece de forma recorrente nas entrevistas. Estas pressões aparecem associadas à ideia de que o papel do pai no cuidado das crianças, nos primeiros tempos de vida, é desvalorizado e secundarizado em relação ao papel da mãe.

A mãe é vista como indispensável e insubstituível e a presença do pai é frequentemente entendida como

secundária. O pai é visto, no máximo, como tendo um papel de suporte e não enquanto protagonista dos cuidados das crianças.

Apesar de as mudanças importantes que se observam no lugar das mulheres na sociedade e no lugar dos homens na família, persiste uma divisão estereotipada dos papéis atribuídos a umas e a outros. Há diferentes expectativas relativamente ao papel dos homens e das mulheres no exercício das funções parentais. O reconhecimento da persistência de valorizações diferenciadas, relativamente à importância da presença de cada um dos progenitores, é incontroversa e aparece denunciada ao longo dos discursos proferidos nas entrevistas.

"Todos pensam que licença é um direito da mãe [...]. Os empregadores devem pensar que o pai não faz falta nenhuma lá em casa." [Pai do Filipe]

"Culturalmente é pouco aceite. Ainda associam a licença a uma tarefa da mãe..." [Pai da Catarina]

"Se já há uma pressão sobre as mães para não gozarem o tempo todo de licença, apesar de serem vistas como insubstituíveis na vida de um bebé, quanto mais não será em relação aos pais, estes sim, vistos como substituíveis." [Mãe da Bruna]

"[...] Há mulheres que são despedidas porque usufruem das licenças. Para os homens, como é algo novo, é ainda pior." [Mãe do Filipe]

"O chefe que eu tinha quando fui pai da Sandra, perguntou-me: "mas vais dar de mamar ao teu filho?" [Pai da Madalena e da Sandra]

"... Isto é muito mais tolerado em relação às mães do que aos pais." (Directora de Recursos Humanos empresa de 150 colaborador/as)

"Isto tem a ver com o ser mãe ou ser pai na nossa sociedade. Toda a gente percebe que as mães são fundamentais para os seus filhos nos primeiros tempos. Agora fazer ver que os pais também são assim tão fundamentais é outra história!" (Sócio Gerente de empresa com 22 colaboradores/as)

1.3. Priorização das responsabilidades profissionais por parte dos homens

Algumas das pessoas entrevistadas consideram que a subutilização das licenças por parte dos homens se liga à priorização que fazem das suas responsabilidades profissionais relativamente às familiares. Os obstáculos e constrangimentos não são apenas externos.

De acordo com perspectivas expressas, a justificação da opção de não gozarem as licenças encontra-se também na resistência a fazerem interrupções nos seus investimentos na esfera profissional, que se constitui como uma fonte essencial da sua identidade.

A percepção subjectiva que cada um tem sobre a importância relativa das suas funções determina a alocação do tempo a cada uma das esferas de vida. A priorização da profissão constitui-se como obstáculo ao desempenho efectivo da paternidade, limitando a disponibilidade temporal e afectiva para os filhos e as filhas e reduzindo o gozo das licenças.

"Tem muito a ver com a percepção de que a nível profissional, "não se pode", de que não é bem visto estar tanto tempo longe do local de trabalho. No fundo, é uma resistência da pessoa em ver isto como uma prioridade, se visse ultrapassavam-se os obstáculos [...] Se eu viver a paternidade como uma coisa que é importante, que é mesmo fundamental, estou mais disponível para ultrapassar as barreiras, se vivermos isto como uma coisa relativamente acessória, desistimos à primeira barreira." (Pai da Eleonora)

"Persiste a ideia de que a vida profissional dos homens não pode ser influenciada pela dedicação à vida pessoal." (Mãe da Mariana)

"Há homens que abdicam deste mês de licença por causa de actividades profissionais muito intensas e de grande responsabilidade. Apesar de conhecer exemplos de mulheres directoras, com actividades profissionais intensas, que usufruíram dos 5 meses de licença." (Mãe da Marta)

"Na maioria dos casos não tem fundamento a ideia de que as entidades empregadoras oferecem mais resistências ao gozo das licenças parentais por parte dos homens do que das mulheres. As resistências são dos homens que têm a percepção de que cabe às mulheres a educação e o cuidado dos filhos." (Administradora de empresa com 3000 colaboradores/as)

1.4. Concepções tradicionais sobre o lugar dos homens e das mulheres na família

A priorização da profissão por parte de muitos homens liga-se à expectativa de que o homem cumpra prioritariamente a função de ganha-pão da família. Expectativa que encontra raízes nas concepções tradicionais sobre os papéis masculinos e femininos que continuam a fazer o seu caminho, apesar das mudanças muito significativas a que assistimos, nas últimas décadas, no sentido da flexibilização dos papéis de género.

As concepções tradicionais sobre o que é ser pai e o que é ser mãe, sobre o que é ser homem e o que é ser mulher jogam um papel central e decisivo nas opções, nas vivências e nas relações que homens e mulheres estabelecem entre si e com os filhos e as filhas.

Maria do Céu Cunha Rêgo (2010) chama a atenção para a existência desta crença — partilhada por homens, mulheres e sociedade em geral — de que o cuidado de filhos, filhas e outros dependentes é tarefa das mulheres ou, pelo menos, obrigação principal delas. Na opinião desta jurista e perita em igualdade, esta crença gera desigualdades na esfera privada que impedem que mulheres e homens possam esperar o mesmo da vida.

Os trechos que se seguem contêm algumas das muitas referências feitas nas entrevistas relativamente ao peso dos papéis de género, enquanto factor explicativo do uso residual das licenças por parte dos homens.

"Considero que tanto homens como mulheres

ainda não reagem muito bem em relação ao gozo das licenças por parte dos pais. Achem que é algo supérfluo." (Mãe da Mariana)

"Penso que alguns pais prescindem deste direito por acharem que isto é uma tarefa das mães." (Pai da Bruna)

"Isto tem muito a ver com a visão que se tem do papel do pai e da mãe. Há uma construção social sobre o que é ser pai e o que é ser mãe [...]. É necessário irmos desconstruindo esta ideia que herdamos de que quem cuida é a mãe e o pai ajuda." (Pai da Eleonora)

"Há um condicionamento social grande sobre esta ideia de quem cuida é a mãe [...] A mãe é da ordem do necessário e o pai é da ordem de uma graça que vai no pacote, mas dispensável [...] Há séculos de cultura que fazem com que os homens invistam na esfera pública e não na esfera privada. A figura do pai cuidador do seu bebé é algo muito recente e ainda raro. Por isto, acho que também é preciso tempo e lutas..." (Psicóloga)

Nas entrevistas a homens que partilharam a licença parental surge, repetidas vezes, a associação linear entre os cuidados dos recém-nascidos e a maternidade, como se esta dimensão do cuidar fosse inerente à mãe, o que transparece nos estratos que abaixo de transcrevem.

"Não sei sem e uma questão de machismo, pensaram que a maternidade é uma coisa que só respeita as mulheres, não sei sem será isso..." (Pai do André)

"Confirmei que era capaz de cuidar do meu filho e desenvolvi em mim o chamado "instinto materno" que o homem também tem." (Pai do Filipe)

"Alguns homens tem vergonha de assumir o papel de "mãe" e a sociedade não os incentiva a isso." (Pai da Catarina)

Surtem também nos discursos das pessoas entrevistadas várias referências à diferença entre a relação mãe-criança e a relação pai-criança, considerando-se que a primeira é mais intensa. Apela-se a justificações biológicas para explicar o vínculo "especial" que a criança estabelece com a mãe, evocando-se o facto de a gestação das crianças se processar no corpo da mulher e de serem as mulheres que podem amamentar.

"Por mais que eu queira partilhar, o primeiro contacto foi com a mãe. Há uma ligação fantástica que advém do nascimento, da gestação toda e depois do nascimento. É realmente um corpo que sai de dentro dela. E nisso o homem não tem volta a dar." (Pai da Madalena e da Sandra)

"Eu tenho uma leitura um pouco ortodoxa das coisas. Acredito que os sexos têm papéis diferentes e que naturalmente vêm a ocupar determinadas funções. Até nos podemos substituir, se formos forçados a isto. E, por isto admito que o papel da mãe é mais importante que o papel do pai. As mulheres já são biologicamente mais preparadas, são dotadas de mais sensibilidade, mais intuição, maior capacidade de leitura das coisas. E é a mãe que tem a gestação, que amamenta, que cuida." (Pai da Marta)

"É evidente que a mãe é uma cuidadora mais próxima e acho que isto é normal." (Pai da Bruna)

Há uma forte idealização da maternidade nas sociedades contemporâneas, sugerindo a existência de uma harmonia preestabelecida entre a mãe e a criança. Esta crença na qualidade universal das relações entre mãe-criança resiste à evidência de que o facto de ser mãe não "equipa" automaticamente a mulher para dar repostas às necessidades de afecto, cuidado e atenção fundamentais à sobrevivência e ao desenvolvimento saudável dos bebés.

As vivências da maternidade são múltiplas, variam de mulher para mulher, a mesma mulher pode vivê-la de forma muito diversa de filho para filho e são fortemente condicionadas pelos contextos sociais e culturais em que são experienciadas.

Elisabeth Badinter, filósofa e feminista francesa, na sua obra "O Amor Incerto" (1985) desenvolveu uma extensa pesquisa histórica, dando conta da variação das atitudes maternas ao longo dos séculos. A observação de que o interesse e a dedicação das mães às crianças não existiu em todas as épocas e em todos os meios sociais fundamenta a tese de que o instinto materno é um mito e que o amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, tratando-se, antes, de um sentimento frágil e imperfeito, marcado pela historicidade, como toda a vida humana.

No entanto, há um poderoso consenso social em torno do amor materno: alimentam-se imagens míticas sobre a "mãe" e esta idealização da maternidade está

na base de fortes pressões sociais exercidas sobre as mulheres e na origem de culpa e de angústias quando não correspondem a um exigente padrão de "maternidade intensiva" (Badinter, 2010).

Por outro lado, a (sobre) valorização do vínculo mãe-criança, em detrimento do vínculo pai-criança, facilmente legitima o protagonismo da mãe nos cuidados da criança e um afastamento do pai, que aparece como um cuidador alternativo, com menos capacidade de resposta às necessidades da criança. Esta perspectiva aparece expressa numa das entrevistas que realizámos:

"Existe um preconceito de que o pai, principalmente, nos primeiros anos de vida, num máximo consegue ser um auxiliar da mãe [...] Exclui-se o pai e a mãe é a culpada de tudo! Isto tem muito a ver com o que os "Psis" foram atribuindo às mães. O sucesso ou o insucesso só tinha a ver com as mães. Isto tem mudado, mas permanece ainda na psicanálise, por exemplo [...]. Depois há factores culturais e seculares que nos dizem que "mãe é mãe", "a mãe é que tem maminhas, a mãe é que amamenta..." (Terapeuta Familiar)

Mário Cordeiro, no seu recente livro "Vou Ser Pai" (Cordeiro, 2013), sugere cuidado com estas "verdades absolutas" e com o que elas, por serem tão radicais num sentido, podem excluir do outro. Na mesma obra, o autor questiona a ideia de que o bebé "só tenha olhos para a mãe" e afirma que os resultados de investigações científicas recentes, sobre a reacção dos recém-nascidos e da criança nos primeiros meses de vida, vieram demonstrar que tal não é verdade.

Na convicção de que homens e mulheres podem estabelecer vínculos fortes e significativos com os filhos e as filhas, com ganhos para todos, sugerimos um olhar crítico sobre as narrativas que idealizam a maternidade. Estas narrativas têm um impacto poderoso na perpetuação dos lugares tradicionais das mulheres e dos homens nas famílias e nas vidas das crianças.

15. Referências identitárias em conflito

Até há pouco tempo os universos masculinos e femininos eram estritamente distintos. Homens e mulheres tinham papéis claramente diferenciados: cabia à mulher o cuidados com os filhos, o marido e a casa; aos homens, o resto. Esta complementaridade dos papéis e das funções alimentava o sentimento de identidade específico de cada sexo (Badinter, 2010). Hoje, já não existe esta separação rígida dos universos femininos e masculinos e homens e mulheres têm em mãos o desafio de romper com as definições tradicionais de feminilidade e masculinidade e de construir novas definições.

Cuidar de uma criança implica que os homens desenvolvam tarefas numa esfera tradicionalmente reservada às mulheres, exige que mobilizem competências tradicionalmente femininas. É esperado, por outro lado, que sejam atentos às necessidades dos seus bebés, sejam sensíveis, afectivos... Estas expectativas conflituam com os modelos de masculinidade mais convencionais que inibem a expressão afectiva dos homens (que, como sabemos, não é suposto chorarem)... Surgem saí dilemas de difícil resolução, que deixam alguns homens confusos e desconfortáveis com o papel de cuidadores.

"Acho que ainda há homens que têm medo que a sua masculinidade seja posta em causa por serem cuidadores dos Filhos. Não é porque mudo a fralda ao meu filho que deixo de ser homem! Antes pelo contrário. E não há problema nenhum ser afectuoso com o filho! Desta forma, estamos a oferecer um modelo muito mais próximo e positivo de paternidade." (Pai do Filipe)

"Há pessoas da minha geração que têm um bocadinho de vergonha... Tratar do cordão umbilical tudo bem, mas as fraldas com cocó não!" (Mãe da Madalena e da Sandra)

"O pai pode ainda ser alvo de alguma pressão social: 'cuidar de filhos, isto é coisa de maricas, pá!'" (Psiquiatra)

1.6. Falta de confiança e auto-confiança nas competências para cuidar

Nas entrevistas realizadas, o medo, ou o sentido de não se estar preparado para assumir o protagonismo nos cuidados das crianças, aparece como um factor justificativo para alguns homens prescindirem do gozo das licenças parentais.

"Há pais que têm medo de não saber fazer as coisas, mas vai-se aprendendo. Se não se consegue enfiar a roupa pelas mangas, faz-se de outra maneira. É como estar numa casa nova e não saber onde estão as coisas." (Mãe da Madalena e da Sandra)

"Talvez exista também receio por parte dos pais de ficarem sozinhos com os bebés (...). Quando o bebé

não fica bem com o pai é porque provavelmente é a mãe que cuida sempre do bebé." (Enfermeira)

É recorrente nas entrevistas a percepção de que as mães não confiam na competência dos pais dos seus filhos e que não lhes reconhecem o mesmo nível de "excelência" na prestação dos cuidados das crianças. Esta desconfiança aparece referida em diferentes entrevistas e é-lhe atribuído um impacto inibidor do gozo das licenças por parte dos homens e limitador da assunção de um papel mais activo por parte do pai nos primeiros meses de vida dos filhos e das filhas.

"Eu tenho colegas que ficam altamente inseguras e está completamente fora de questão que fique o marido em vez delas. Para mim é o mesmo que estar lá eu." (Mãe da Madalena e da Sandra)

"A mãe pode ter medo, receio de deixar o bebé aos cuidados do pai, pode achar que o pai não será capaz... Talvez tenha a crença de que ficando com a avó ficaria melhor. Por isto, é importante que o homem assuma, quer pessoalmente, quer socialmente, que quer desempenhar este papel, que é capaz..." (Terapeuta Familiar)

"As mulheres precisam acreditar que os homens são bons cuidadores, tão bons cuidadores quanto as mães, mas cuidarão de forma diferente. Há abordagens diferentes que não são necessariamente piores. Não podem dizer 'ficas a cuidar da minha filha, mas tem que ser à minha maneira.'" (Pai da Eleonora)
"As mães também têm um papel nisto que é não acharem que só elas é que podem e sabem cuidar dos seus filhos." (Pai do Filipe)

A construção do papel de pai parece sofrer alguma influência da mãe, variando em função dos seus posicionamentos mais ou menos igualitários em matéria da divisão das responsabilidades e tarefas relacionadas com a família.

De acordo com alguns autores (Allen & Hawkins, 1999), há mulheres ambivalentes relativamente ao aumento do envolvimento paterno. Atribuem isso, por um lado, a inquietações quanto às competências do pai enquanto cuidador e, por outro lado, ao medo de perder controle sobre o contexto familiar, espaço onde tradicionalmente as mulheres são investidas de mais poder. A ambivalência poderá também estar associada a sentimentos de culpa e ao medo de ser socialmente desvalorizada quando, nos primeiros tempos de vida, a mãe se faz "substituir" pelo pai. Uma das mães entrevistadas fala-nos sobre esta experiência, verbalizando-a assim:

"Eu sou vista como aquela mãe que faz menos que as outras mães, ao passo que o pai foi visto, por muita gente, como o herói." (Mãe da Catarina)

1.7. Desconhecimento da Lei

A subutilização das licenças parentais por parte dos homens foi também atribuída, por várias pessoas entrevistadas, à falta de informação sobre a lei e ao desconhecimento dos direitos que concede aos pais.

"A falta de informação é grande, e muitas vezes as pessoas não sabem que têm essa possibilidade. (...) Muito honestamente, acho que há falta de informação, há muitas pessoas que nem sabem

que têm direito a esses dias." (Sócia Gerente de empresa com 8 colaboradores/as)

"Não saiba que tinha esta licença, a Segurança Social informou-me." (Pai do André)

"[...] Até as pessoas que estavam para ter filhos ou que depois tiveram, perguntavam: mas como é que fizeste? Como é que foi? Há muita coisa a tratar?" (Mãe da Madalena e da Sandra)

O desconhecimento da lei remete-nos para a importância da sua divulgação através de diferentes canais e instituições. Como nos sugere um Médico de Família entrevistado neste projecto: **"é importante que haja mais esclarecimento a partir do governo e das instituições e também de movimentos cívicos, da imprensa, etc.."**



Papá dá Licença? Sim!



2. *Sobre as condições que facilitam certos passos...*

2.1. Novos lugares das mulheres na esfera pública

A participação massiva das mulheres portuguesas no mercado de trabalho é uma realidade incontornável. Em Portugal, a entrada das mulheres na esfera pública teve início na década de 60, altura em que se fez sentir a escassez de mão-de-obra devido à guerra colonial e à emigração masculina. As mulheres começaram, assim, a desenvolver funções e tarefas tradicionalmente reservadas aos homens. O reforço da participação das mulheres na esfera pública é uma das linhas mestras dos processos de mudança que atravessam a sociedade portuguesa desde o 25 de Abril (Silva, 1983; André, 1993 cit. in Wall, Aboim e Cunha, tendência que se mantém até à actualidade.

O reforço da participação das mulheres no mercado de emprego vem reivindicar transformações no papel dos homens nas famílias, agora de “duplo emprego”. Convoca-os a reconstruir o seu “lugar tradicional” na esfera privada e abre caminho para a negociação e emergência de uma nova divisão do trabalho, tendencialmente mais igualitária, mais flexível e menos estereotipada do ponto de vista dos papéis de género.

Se o trabalho pago e o sustento da família deixam de ser um exclusivo do homem, faz todo o sentido que o trabalho não pago, associado à esfera familiar, tradicionalmente desenvolvido pelas mulheres, seja, também ele, redistribuído.

A “migração” das mulheres para o espaço público incentiva a intensificação da participação masculina na esfera doméstica e, em particular, nos cuidados

das crianças; estimula a emergência de novas concepções dos papéis familiares e, em particular, do lugar do pai — de quem se espera, hoje, que se envolva de forma efectiva (e também afectiva) no cuidado e educação dos filhos e das filhas.

Se é inegável o movimento de entrada do homem no universo familiar, em áreas tradicionalmente femininas, não podemos deixar de sublinhar que este movimento não acompanhou em amplitude e velocidade o movimento de entrada das mulheres na esfera pública.

Efectivamente, na esfera da família mantêm-se assimetrias importantes na divisão do trabalho doméstico e familiar, que continua a ser maioritariamente assegurado pelas mulheres. Vários estudos, realizados em Portugal, oferecem evidências da persistência de desequilíbrios importantes na distribuição das tarefas e responsabilidades familiares, desequilíbrios que se agudizam quando há filhos no casal. (Perista, 2002; Torres, 2001).

José Francisco Sánchez, Coordenador da Asociación de Hombres por la Igualdad de Género (AHIGE), sublinha, a este propósito, na comunicação que apresentou no Encontro Final do Papá dá Licença?, que as mulheres conquistaram o espaço público e que cabe, agora, aos homens conquistar o privado: **“(…) elas saíram e integraram-se activamente no mercado laboral, e esta mudança, a nós, homens e pais, apanhou-nos bastante distraídos”**. Há, assim, na perspectiva de José Francisco Sánchez, uma “revolução interior pendente” em cada homem.

2.2. Novos modelos de paternidade

Como antes vimos, a participação crescente das mulheres na esfera pública estimulou a procura de novas masculinidades e paternidades, procuras que se tornam visíveis em novas expectativas, práticas e valores associados à paternidade.

É crescente o número de homens a participar nas sessões de preparação para o parto, a assistir às ecografias e às consultas pré-natais. Há cada vez mais homens presentes no momento do parto. Já não são casos raros os homens que se empenham de forma entusiasta na educação e nos cuidados diários das crianças: mudam fraldas, dão banho, vestem-nas, dão-lhes de comer, deitam-nas, acalmam-nas, levam-nas ao médico, conversam, brincam, exprimem o seu afecto abertamente, são acessíveis, próximos, atentos e responsivos às necessidades dos filhos e das filhas, partilhando equitativamente as decisões com as mães. Os papéis que os pais desempenham na vida das crianças mudaram nas últimas décadas (Hwang & Lamb, 2002).

Os pais que entrevistámos são exemplos de uma nova geração de pais que têm de si mesmos a percepção de possuírem responsabilidades no cuidado diário das crianças e na sua educação. Estes pais fazem uma ruptura com os modelos de paternidade tradicionais, que remetem o pai para um papel periférico e distante do quotidiano familiar.

São pais que querem acompanhar e apoiar de perto o desenvolvimento dos seus filhos e das suas filhas. A maioria justifica a sua opção de partilha da licença parental inicial pelo desejo e pela importância que

atribuem ao acompanhamento próximo desta fase da vida das crianças, como pode ler-se nos trechos das entrevistas que abaixo se transcrevem:

“Quería usufruir ao máximo da experiência de ver a minha filha crescer de perto.” (Pai da Catarina)

“O principal motivo foi o de querer acompanhar o máximo tempo possível a minha filha nos primeiros tempos de vida.” (Pai da Eleonora)

“Quería aproveitar todos os momentos que pudesse com o meu filho. Até tinha medo que o mês passasse rápido demais...” (Pai do Filipe)

“...porque gostava de viver esta experiência.” (Pai da Marta)

A percepção de que se trata de uma experiência que só se tem a possibilidade de viver uma vez aparece em algumas entrevistas, enquanto factor que contou a favor da decisão de gozar das licenças previstas na lei:

“Nunca haveria outra oportunidade de aproveitar esta fase da Mariana.” (Pai da Mariana)

“Há coisas que se não fazemos agora, fazemos daqui a um ano ou dois anos, mas aqui é do tipo de coisas que ou é ou não é.” (Pai da Eleonora)

“É uma experiência que só se pode ter uma vez na vida. Nós podemos estar duas vezes num mesmo espaço, mas nunca duas vezes num mesmo tempo. E cada dia do filho é um dia único, irrepetível.” (Pai da Marta)

A maioria dos homens entrevistados cresceu em famílias tradicionais, onde os papéis de género estavam bem delimitados, e consideram ter-se esbatido, na sua família actual, a tradicional diferenciação dos papéis de género no casal, no que respeita ao cuidado dos filhos.

Quando são convidados a pronunciarem-se sobre a sua experiência enquanto filhos e sobre a continuidade e a ruptura com a forma de ser pai, relativamente à geração anterior, aparece de forma consistente a ideia de que são pais diferentes dos seus. Exercem a paternidade de forma mais activa, interventiva, próxima e afectiva e ocupam-se de tarefas que, nas suas famílias, apenas eram realizadas por figuras femininas. Transcrevem-se de seguida alguns trechos que dão conta desta ruptura com o modelo de paternidade que lhes foi oferecido.

“A relação que tenho com a minha filha é muito diferente. O meu pai nunca trocou fraldas, nunca deu biberons... sempre foi a minha mãe. Até hoje, o meu pai recusa-se a mudar uma fralda à neta.” [Pai da Catarina]

“O meu pai era uma pessoa muito presente e sempre tomou opções pessoais e profissionais tendo em conta e valorizando a vida familiar, mas há claramente uma ruptura nestas questões dos papéis.” [Pai da Eleonora]

“O meu pai era próximo dos filhos, mas era um pai à antiga. Emocionalmente, manifestava-se pouco. E nunca mudou fraldas de nenhum filho ou neto. Eu não sigo, como pai, um modelo que eu tenha tido antes, sigo um modelo que considero o ideal.” [Pai do Filipe]

“Sou filho de uma geração em que o homem estava só quando era para chamar a atenção, ou para puxar as orelhas (...). O meu pai vinha de uma família em que o marido e os filhos não entravam na cozinha, em que há coisas para a mulher e há coisas para o homem (...). A minha mãe tratava do meu pai como um filho, escolhia-lhe a roupa e punha-a na cadeira para ele vestir no dia a seguir. (...) Nunca vi o meu pai pegar nas minhas filhas ao colo quando eram muito pequeninas.” [Pai da Madalena e da Sandra]

Estas palavras permitem concluir pela emergência de novas formas de ser pai, pelo aumento do envolvimento dos homens nos cuidados dos filhos e das filhas, nos primeiros meses das suas vidas. Importa salvaguardar que os homens entrevistados fazem parte de uma minoria que optou por permanecer em casa com os filhos, nos primeiros tempos de vida, pelo que esta tendência de mudança não será, possivelmente, tão expressiva no universo global dos pais de crianças pequenas. Os trechos das entrevistas que se seguem dizem-nos da incompletude percebida desta transição para um modelo equitativo de partilha de responsabilidades parentais.

“Precisamos de tempo para haver uma transição geracional e termos mais novos pais, novas ideias, ideias mais frescas e progressistas.” [Pai da Marta]

Acredito que os homens ainda estão a descobrir a paternidade...” [Mãe da Madalena e da Sandra]

“Houve um crescimento acentuado na participação dos pais nos cuidados com os filhos, mas ainda não é o ideal. Já vemos mais pais nas consultas materno-infantis, mas algumas vezes ainda são só as mães e seus bebés e, às vezes, as avós.” [Enfermeira]

“Algumas vezes, vão os pais sozinhos com os filhos. Mas esta tendência não é generalizada. Ainda está longe de ser meio a meio o cuidado com os bebés.” [Psicóloga]

No entanto, há indícios de que o ideal do pai cuidador, participativo e afectivo está cada vez mais a cumprir-se. Os extractos das entrevistas que se seguem reflectem esperança e sinais da evidência dessas mudanças.

“Já se vêem os pais a fazer programas com os filhos e, gradualmente isso irá contribuir para comecem a ter mais confiança e vontade de ficar em casa (...) cada vez mais as pessoas valorizam a paternidade e é giríssimos os homens a terem conversas sobre os filhos exactamente como as mães.” [Mãe da Madalena e da Sandra]

“O homem está a perceber que tem um papel mais activo naquilo que é o crescimento. O homem deixa de ter aquele papel de estar só e faz também o papel do ser: começa a ter um papel mais activo (...). Aquela figura do pai, ali mas distante, começa a ser diferente. Eu acho que a licença vem exactamente ao encontro dessa necessidade do pai ser pai” (...). Hoje em dia andar a passear com as minhas filhas ao colo, mudar uma fralda, ninguém olha assim de lado para mim. Aqui há uns anos, ao verem este tipo de coisas, as pessoas achavam que eu era um bocado esquisito... Se calhar diziam que eu era homossexual ... Hoje em dia não. O pai que trata e que sabe até é bem visto e as pessoas até dizem “Sim, senhor, muito bem!” [Pai da Madalena e da Sandra]

“Temos colaboradores que são bastante activos na família: tomam conta de tarefas como ir ao médico,

ficar em casa...aquelas coisas normais de quando se tem crianças pequenas, têm mais abertura e não há tanta diferença entre homem e mulher.” [Sócia Gerente de empresa com 8 colaboradores/as]

“Nas conversas aqui na nossa copa, ouvimos cada vez mais pais a queixarem-se das noites mal dormidas, por exemplo. Também aumentou o número de pais (homens) que têm que cumprir o horário de saída para irem buscar os filhos.” [Directora de Recursos Humanos de empresa com 150 colaborador/as]

No projecto “Papá dá Licença?” foi envolvido um grupo de 17 crianças, com idades entre os 5 e os 6 anos, que frequentam o Jardim de Infância de São José do Agrupamento de Escolas Baixa-Chiado, em Lisboa.

Dinamizaram-se conversas colectivas, em pequenos grupos, sobre o pai (o que gostam de fazer com o pai, como sabemos que um pai é um bom pai, entre outras questões). Este grupo realizou também um conjunto de trabalhos (desenhos, esculturas, colagens e pinturas) sobre o tema do pai Pai, que foram apresentados numa exposição inaugurada no Evento Final do projecto.

A observação das situações representadas pelas crianças nos seus trabalhos e a análise do que expressam sobre o que gostam de fazer com os pais reforçam a convicção de que a maioria dos pais são figuras próximas, envolvem-se nas suas rotinas diárias e na prestação de cuidados directos (por exemplo: alimentar, deitar, vestir, levar à escola, lavar os dentes, pôr a dormir).

A valorização por parte das crianças desta participação paterna no cuidado aparece bem reflectida em frases como as que de seguida se transcrevem:

Sabemos que um pai é um bom pai quando...

“...nos veste na cama e põe antes a roupa no aquecedor.” (Lara)

“... fica conosco nas férias, enquanto a mãe vai trabalhar.” (Lara)

"cuida de nós." (Jorge)

Por outro lado, nas falas das crianças, aparece com consistência a imagem do pai enquanto “companheiro” de brincadeira e de jogo. As crianças valorizam as actividades lúdicas, muitas de carácter físico, que partilham com os pais e que se tornam visíveis em vários trabalhos, que mostram, repetidas vezes, o pai e a criança envolvidos em brincadeiras, com frequência ao ar livre (em parques infantis, na praia, etc.).

Quando se referem ao que gostam de fazer com os pais, as palavras brincar e jogar surgem, nas frases ditas pela maioria das crianças. Transcrevemos algumas que exprimem a presença e a valorização desta dimensão lúdica nas relações que mantêm com os pais. Referindo-se ao que gostam que o pai faça com elas, dizem:

[Gosto...]

“...que o meu pai me rodopia como um papá urso.” (Mafalda)

“...quando faz como um avião, leva-me ao
COLO, lá em ciiiiiiiiiiiiiiiiiiiiima.” (Bárbara)

“...quando me leva às cavalitas.” (Bárbara)

“...de brincar às escondidas com o meu pai.”
[David]

“...de brincar aos aviões.” (Francisco)

As crianças evocaram também actividades “mais lentas” que gostam de partilhar com os pais:

“...apanhar flores com ele para a minha mãe.” (Duarte)

"Ouvir histórias antes de dormir." (Rafael)

**"FAZER A ÁRVORE DE NATAL E DE APANHAR
FOIHAS." (Bárbara)**

“conversar sobre as coisas.” (Francisco)

A observação das situações representadas pelas crianças em desenhos e pinturas e a análise do que expressam sobre o que gostam de fazer com os pais e sobre o que é ser um bom pai tornam também clara a valorização que fazem da expressão e do envolvimento afectivo por parte dos pais. As frases que abaixo se transcrevem são algumas das que reflectem a importância que as crianças atribuem a essa dimensão.

"GOSTO quando ele me dá beijinhos antes de eu dormir." [Diogo]

[Sabemos que é um bom pai quando] “...dá
beijinhos e abraços e sabemos que gosta
de nós” (Raquel)

Para concluir, reafirmamos a convicção, reforçada pela auscultação dos diferentes entrevistados, de que têm sido dados passos significativos no sentido da valorização social da paternidade e de que são cada vez mais os homens que se distanciam de modelos tradicionais de masculinidade e de paternidade, ou rompem mesmo com eles.

2.3. Enquadramento legal

A 1 de Maio de 2009, entrou em vigor a nova lei de protecção da parentalidade* (n.º 7/2009, de 12 de Fevereiro) que encoraja o maior envolvimento do pai no cuidado dos seus filhos e filhas recém-nascidos.

Veicula claramente a mensagem de que o cuidado das crianças não é uma tarefa específica e exclusiva das mulheres e convoca os pais a reforçar a sua presença nos primeiros tempos de vida dos filhos e das filhas.

Esta lei promove uma maior equidade entre homens e mulheres, ao disponibilizar um conjunto de direitos que podem ser gozados tanto pela mãe como pelo pai. Permite que a mãe e o pai partilhem a licença parental inicial (120 ou 150 dias seguidos, pagos a 100% no primeiro caso e a 83% no segundo). As primeiras 6 semanas a seguir ao parto terão que ser gozadas pela mãe, o restante tempo da licença parental inicial pode ser gozado pela mãe ou pelo pai.

* Mais informações em www.cite.gov.pt e www2.seo-social.pt

A mãe e o pai que optem por partilhar a Licença Parental têm como ganho o alargamento desta licença por mais 30 dias. Para que haja este acréscimo, basta que a mãe e o pai gozem a licença, cada um, em exclusividade, pelo menos 30 dias consecutivos ou duas vezes, por períodos de 15 dias consecutivos.

A lei prevê também uma Licença Parental Inicial Exclusiva do Pai, atribuída a seguir ao nascimento da criança, que consiste em:

- 10 dias úteis obrigatórios, compreendendo 5 dias seguidos, imediatamente após o nascimento da criança, e 5 dias, seguidos ou interpolados, nos 30 dias seguintes ao nascimento;
- 10 dias úteis facultativos, seguidos ou interpolados, desde que gozados após o período de 10 dias obrigatórios e durante o período em que é atribuído o subsídio parental inicial da mãe.

A lei prevê ainda que o pai tenha 3 dispensas de trabalho para acompanhamento a consultas pré-natais.

Nas entrevistas que realizámos a pais e mães que partilharam a licença parental inicial, o enquadramento legal actual aparece, de forma recorrente, como um Factor Facilitador desta opção pela partilha.

"Sabia do meu direito e parecia-me óbvio que deveria usufruí-lo. Por isso, decidi gozar da licença parental." (Pai da Mariana)

"O enquadramento legal dava-nos essa possibilidade e fazia todo o sentido aproveitá-la." (Pai da Eleonora)

“A partir do momento que soubemos desta possibilidade da lei tornou-se óbvio que iríamos partilhar a licença. Se há a possibilidade do pai também gozar de uma licença parental, como é que uma pessoa diz que não a isto?” (Mãe do Filipe)

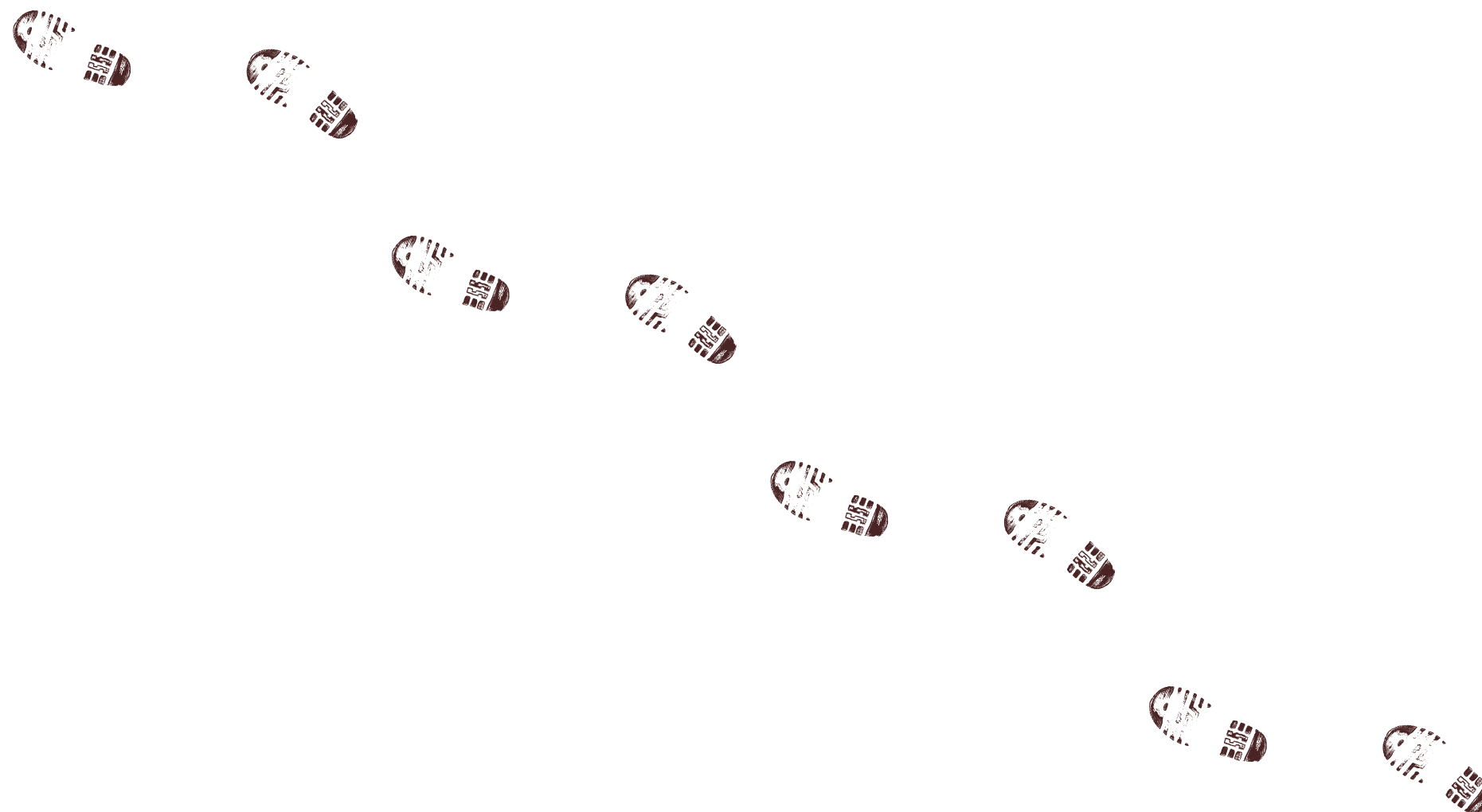
“Tendo esta oportunidade, porque não haveríamos de gozar deste direito?” (mãe da Marta)

No Código do Trabalho de 2009, as designações das licenças são alteradas. Os termos maternidade e paternidade são substituídos pelo conceito de parentalidade. A anterior licença de maternidade, que podia já ser partilhada com o pai, passa a chamar-se Licença Parental Inicial. Maria do Céu Cunha Rêgo, na comunicação apresentada no Evento final do projecto, manifestou-se contra esta substituição por considerar importante que o termo “paternidade” seja explícito na lei, dando um sinal claro de que há direitos e responsabilidades atribuídos ao pai.

Apesar de se observar um aumento crescente do gozo das licenças por parte dos homens, estas são ainda subutilizadas. Segundo dados do Instituto de Informática e Estatística da Segurança Social, 79% não partilham a licença parental inicial, prescindindo, assim do acréscimo de 30 dias de licença que a lei prevê em caso de partilha. Por outro lado, 43% dos pais prescindiram da licença exclusiva do pai.

Os dados de que dispomos relativamente aos dias de licença gozados pelas mães e pelos pais indicam que os pais gozam apenas 2,68% dos dias de licença parental. Os homens utilizaram 269 827 dias pagos e as mulheres 9 644 380.

Nas páginas que se seguem, partindo das perspectivas que connosco foram partilhadas pelas pessoas entrevistadas, tentaremos pôr em evidência os ganhos associados a uma utilização mais alargada destas licenças por parte dos homens.





3.

*Sobre os ganhos
associados
aos passos dados*

3.1. A vivência gratificante do pai

O período em que gozaram a licença parental aparece, nas narrativas dos homens entrevistados, associado a sentimentos positivos, gratificantes, prazerosos, como pode ler-se nas transcrições abaixo:

"Foi ótimo! Tínhamos um quotidiano bem preenchido e saudável. Vivi como um grande desafio [...] E foram os melhores meses da minha vida." (Pai do Filipe)

"Foi uma experiência fantástica! [...] Senti-me muito bem a cuidar dela [...] o mais positivo na experiência foi ter conseguido cumprir com a responsabilidade de cuidar de um ser tão frágil e a alegria de vê-la crescer." (pai da Mariana)

"Foi uma experiência positiva, claramente..." (Pai da Eleonora)

"Foi excelente!". (Pai da Bruna)

"Foi ótimo, foi fazer uma pausa, eu estou sempre a trabalhar... nunca recusei a ideia de ficar em casa com o meu filho. Foi muito importante!" (Pai do André)

"Foi muito giro! Quando nós tratamos de um bebé que é nosso, é um bocadinho do nosso coração que está ali fora, é qualquer coisa que nos faz sentir que nós também fazemos parte daquele percurso." (Pai da Madalena e da Sandra)

Apesar do balanço positivo da experiência, a maioria dos pais reconhece ter sido um período exigente e absorvente. Seguem-se alguns trechos de entrevistas a pais que espelham essa vivência.

"...algo totalmente novo, foi trabalhoso e cansativo, mas é recompensador." (Pai da Bruna)

"Fui pai a cem por cento, porque eu estava sozinho [...] na verdade, eu, que gosto muito de bricolage, não consegui pôr um quadro na parede. Não tive tempo. Só quem não foi pai mesmo a 100% é que não percebe isto." (Pai da Madalena e da Sandra)

"Claro que tive dias bem complicados do Filipe não dormir, chorar muito. Mas, de qualquer forma, os momentos com o meu filho sempre compensaram tudo. Claro que no final de um dia inteiro, eu sentia que precisava de 1 hora para mim, nem que fosse para passear o cão... É que quando estamos nesta dedicação exclusiva, não temos tempo para nós próprios." (Pai do Filipe)

"Foi muito bom, mas difícil. É um trabalho a tempo inteiro." (Pai da Catarina)

A experiência de ser cuidador exclusiva, durante um período significativo do dia, aumenta a compreensão do que implica a tarefa de cuidar de um bebé. Por outro lado é uma experiência capaz de promover a empatia com quem cuida, sem ajuda, de uma criança.

Os trechos que se seguem falam-nos sobre isto mesmo.

"O pai passou a perceber a exigência e a responsabilidade que estão implicadas no cuidado de uma bebé. No início, antes da partilha da licença, ele não compreendia uma série de coisas: o cansaço, a necessidade de apoio..." (Mãe da Catarina)

"Compreendo agora melhor o que a mãe passa." (Pai da Catarina)

"A pessoa que tira a licença é a pessoa que se ocupa da rotina da bebé. Foi importante para ter mais a percepção desta rotina." (Pai da Eleonora)

"Há muitas coisas que nos escapam quando não somos os principais cuidadores de um bebé. Comecei a valorizar o papel da mãe e de todo o trabalho e esforço que ela teve antes de mim. Sem esta experiência, provavelmente continuaria sem perceber uma série de coisas [...] Tentar colocar-se no lugar das pessoas é uma coisa, viver a experiência é outra." (Pai da Marta)

3.2. Reforço do vínculo pai-criança

Os ganhos relacionais associados à participação, desde os primeiros tempos de vida, nos cuidados da criança, a proximidade física do pai e o seu envolvimento activo são valorizados na comunicação apresentada por José Francisco Sánchez (AHIGE) no Encontro Final do Papá da Licença?: **"Começa-se a estabelecer um vínculo forte, uma relação de apego e de confiança. Começa a haver uma comunicação entre pai e filho/a que é completamente diferente se o pai não se implicar nesta relação, nesta fase"**.

A ideia e a experiência de que o gozo da licença parental por parte dos homens contribui para o reforço dos laços entre o pai e a criança aparecem com muita consistência no conjunto das entrevistas realizadas. Este impacto positivo na vinculação está patente nos extratos das entrevistas que abaixo se transcrevem.

"Foi uma forma muito positiva e importante de me ligar à minha filha [...]. Sempre fui um pai presente, mas com a licença ganha-se uma proximidade diferente." (Pai da Eleonora)

"O pai ganhou uma proximidade com a filha e uma segurança em relação a ela que, dificilmente seriam iguais senão fosse a licença." (Mãe da Catarina)

Referindo-se ao período da licença: *"Estar próximo da Marta permitiu criar laços mais fortes com ela e compreendê-la melhor."* (Pai da Marta)

"Eles criaram verdadeiramente este laço quando o pai esteve de licença [...]. A ligação pai-filho estabelecida neste mês vai perdurar e o pai vai ter uma outra participação no cuidado do filho daí em diante." (Mãe da Marta)

"O tempo de licença permite que a relação do pai com o filho alcance outro nível. Acho que esta dimensão do reforço da relação é bastante importante." (Psicóloga)

Importa sublinhar que este impacto relacional positivo é atribuído com frequência ao tempo de permanência do pai junto da criança, à condição de se ocupar dela sem ajudas, e de lhe caber, durante longos períodos do dia, a responsabilidade de ser o seu cuidador único, assumindo os cuidados directos de rotina. Estas atribuições aparecem plasmadas nos trechos das entrevistas que se seguem.

"Eu tive a possibilidade de me entregar totalmente àquela criança, de ser pai a tempo inteiro [...] criámos aqueles laços mais fortes pai-filho. Nesses

primeiros meses é fundamental estar com a criança, criar laços, criar o vínculo. Não é? De facto foi muito importante.” (Pai do André)

“[...] Há quem diga que o que importa é o tempo de qualidade e não o de quantidade, mas acredito que mesmo que se passe 1 ou 2 horas do “melhor” tempo, isto pode não ser suficiente [...]. Considero positivo eu ter ficado sozinho com a Marta. Neste período, criei mais empatia com ela, pois não se é pai no primeiro dia, tornamo-nos pais ao longo do tempo.” (Pai da Marta)

“O pai cuidar do filho (trocar a fralda, dar banho, etc.) promove a vinculação pai e filho.” (Enfermeira)

“Trocar fraldas, dar biberons, adormecer, ou ficar acordado a noite toda com a criança ao colo... aumenta o vínculo entre pai e filho.” (Terapeuta Familiar)

“Quando o pai está sozinho com a criança, a relação entre eles aprofunda-se, cria-se um novo espaço na relação.” (Mãe da Eleonora)

3.3. Desenvolvimento de competências paternas

A experiência de assumir o protagonismo na prestação dos cuidados da criança durante o período da licença, pelo menos numa parte significativa do dia, aparece como uma experiência desafiante com implicações positivas na construção e na confirmação das competências do pai.

O reconhecimento do desenvolvimento de competências práticas e relacionais, bem como uma dimensão de desenvolvimento pessoal, surgem nos discursos das pessoas entrevistadas, como pode ler-se em algumas das transcrições que abaixo se apresentam.

“Sinto que sou melhor pai desde a licença. E para isto, foi fundamental o tempo da licença, onde eu percebi que, apesar de ser difícil, eu era capaz de cuidar da Mariana.” (Pai da Mariana)

“Esta experiência tornou-me melhor pai, aprendi a partilhar, a conhecer melhor a minha filha [...] Foi uma experiência de descentração total. É uma experiência de dar aquilo que é o melhor de nós à criança...” (Pai da Bruna)

“Participar activamente nestes primeiros tempos promove no pai o desenvolvimento pessoal. É toda uma esfera que será desenvolvida nas vertentes do afecto, de aprendizagens de manejo do seu bebé, o conhecer o seu bebé... Abre para o pai um mundo que não está explorado... Uma dimensão diferente do ser homem: o ser pai.” (Psicóloga)

“Foi uma boa experiência, de grande aprendizagem.” (Pai da Marta)

“Acho que eu também estou a aprender muito com ele. Educar é isto, é uma troca.” (Pai do André)

“Perguntava-me a mim próprio: mas será que só as mulheres é que conseguem cuidar dos filhos? E eu quis provar para mim mesmo que eu conseguia! E foram os melhores meses da minha vida.” (Pai do Filipe)

O gozo da licença, a experiência acumulada e as competências desenvolvidas parecem contribuir para que o homem se transforme num cuidador “independente”, para que descubra o que Karin Wall, na comunicação apresentada no Encontro Final do projecto Papá dá Licença?, designou como “espaço não mediado pela mãe”.

A possibilidade de o pai cuidar da criança sem outros apoios, durante a licença, tende a facilitar esse processo de autonomização. Na presença de Figuras femininas e da mãe, em particular, devido ao hábito e às expectativas de papel, parece ser mais difícil o homem assumir a liderança e a centralidade nas responsabilidades de cuidado dos filhos e das filhas. Os trechos das entrevistas que se seguem aclaram o que acaba de ser dito.

“Geralmente é a mãe que está com o bebé. Por isto, naturalmente, a mãe fica nesta posição: “eu sou a mãe, eu é que sei fazer.” [...] Com a partilha da licença, o pai consegue ocupar melhor o seu lugar.” (Mãe do Filipe)

“As mães estão muito habituadas a cuidar e são normalmente muito dominantes no cuidado das crianças.” (Mãe da Eleonora)

“A licença possibilitou envolver-me em cuidados que antigamente não eram partilhados. Envolver-me no mudar fraldas, dar biberons, acompanhar os sonos... momentos que eram vedados ao pai [...]. Foi o momento em que tivemos a oportunidade para aprendermos a partilhar as tarefas em casa e os cuidados com a nossa filha.” (Pai da Bruna)

O aumento da autonomia e da competência paterna abre caminho à partilha equitativa dos cuidados da criança entre pai e mãe.

3.4. Partilha de tarefas e responsabilidades de cuidado

Nas entrevistas realizadas a pais e mães, um dos ganhos da partilha da licença parental, que mais frequente e consistentemente é referida, prende-se com o alargamento da partilha, entre pai e mãe, das tarefas e responsabilidades parentais. Nas palavras do Terapeuta Familiar que entrevistámos: **“O ganho é o de uma maior partilha nas tarefas parentais e o sentimento que o filho é responsabilidade dos dois”**.

A presença próxima e interventiva do pai nos primeiros tempos de vida cria condições para uma crescente equivalência do lugar do pai e da mãe na vida e nos cuidados das crianças. O casal constitui-se como “equipa parental”. Ambos são sensíveis aos sinais do bebé, ambos respondem, com igual compromisso e competência, às suas necessidades.

“Contrariámos a tendência de pensar “o bebé está a chorar portanto precisa da mãe”. Não, para nós foi: “o bebé está a chorar, portanto precisa de alguém que o acalme”. [...] O pai quando está assim tão próximo passa a ter a mesma legitimidade da mãe na educação com o filho e passa a estar tão próximo do filho como ela [...]. Ele olha-nos como iguais: tem dois cuidadores, duas referências que somos nós: o pai e a mãe.” (Pai do Filipe)

"O bebé não é nada dependente da mãe [...] tanto faz estar com a mãe como estar com o pai. Está muito bem com qualquer um dos dois." (Mãe do Filipe)

"Tornámo-nos complementares (mãe e pai) nos cuidados com a Mariana. Tanto eu como a mãe somos capazes de fazer tudo. A criança sente-se tão à vontade com o pai como com a mãe. O pai é capaz de fazer tanto quanto eu em relação aos cuidados da nossa filha [...] O pai só se torna capaz de cuidar do seu filho se participar activamente." (Mãe da Mariana)

"Habituu-se a pedir ao pai como pede à mãe." (Pai da Bruna)

"Qualquer um de nós sabe resolver tudo em relação à criança." (Mãe da Catarina)

"Como o pai esteve sempre presente, eu nunca tive problemas com o tomar banho, vestir... não sei o que são aquelas coisas simples que me contam, "quero a mãe, quero a mãe". Vão tanto para a mãe como para o pai [...]. Há crianças que chamam sempre a mãe. Ela, de noite, em muitas circunstâncias chamava o pai, para tomar banho tinha que ser o pai..." (Mãe da Madalena e da Sandra)

3.5. Redução da sobrecarga da mãe

A partilha das responsabilidades e tarefas parentais traz consigo a diminuição da sobrecarga que com frequência recai sobre a mãe, tornando a experiência da maternidade mais gratificante. Este ganho é evidenciado nos seguintes extratos das entrevistas.

"Em dupla é muito melhor e mais Fácil." (Mãe da Catarina)

[Quando nasce um bebé] *"É tudo novo e gerir a ansiedade e o cansaço, quando são partilhados, torna tudo mais Fácil."* (Mãe do Filipe)

"A divisão do trabalho e a co-responsabilização diminui a sobrecarga da mãe." (Pai Francisco)

[A mãe] *"tem alguém em quem se apoiar, e por isto não passa a ser uma tarefa tão desgastante cuidar da filha."* (Pai da Mariana)

"Em relação aos ganhos da mãe, há o alívio de saber que não é a única responsável pelo bebé, quer para o que corra bem, quer para o que corra mal." (Psicóloga)

"Nos casos em que o pai não assume a paternidade de forma activa, e a mãe não tem mais apoio, vê-se bem a sobrecarga que esta mãe sofre. Aí temos os casos que se complicam com as mães em grande stress ou quase com um colapso nervoso. Isto pode traduzir-se em grande fragilidade e, é claro, com consequências para o bebé. Com o pai activo, não cai tudo em cima da mãe." (Enfermeira)

3.6. Ganhos para o desenvolvimento da criança

Hoje reconhece-se a importância do vínculo entre pai e filho/a no desenvolvimento da criança. Um corpo cada vez mais amplo de estudos evidencia o impacto positivo do envolvimento paterno no desenvolvimento

e bem-estar das crianças.. Segundo Balancho (2003), filhos de pais activamente envolvidos têm maiores competências cognitivas, são mais empáticos, têm menos crenças sexuais estereotipadas e têm um elevado sentido de controle sobre as suas vidas e circunstâncias. Também Mário Cordeiro (2013) considera que receber amor e carinho do pai e da mãe tem, para a criança, um efeito positivo sobre a felicidade, o bem-estar e o sucesso social e académico.

Sarkadi, Kristiansson, Oberklaid y Bremberg (2008) baseando-se em estudos longitudinais, realizaram uma revisão da literatura científica sobre os efeitos do envolvimento paterno no desenvolvimento das crianças. Concluem que há evidências consistentes de que as relações positivas entre a criança e o pai têm efeitos positivos no seu desenvolvimento social, psicológico, comportamental e cognitivo. Assim, é mais provável que as crianças que têm pais "envolvidos" obtenham melhores níveis de realização escolar, níveis mais elevados de desenvolvimento cognitivo e social, menos stress na idade adulta, níveis de auto-estima mais elevados, menos conflitos legais, entre outros aspectos.

Também nas entrevistas realizadas neste projecto surgem referências várias e reflexões relativamente ao impacto positivo no desenvolvimento da criança produzido pela proximidade da Figura paterna. As frases que se seguem são exemplo disso.

"Para o desenvolvimento da minha filha foi fundamental esta experiência. E para o meu desenvolvimento também." (Pai da Mariana)

"Quando o pai tem um papel interventivo, como eu tive, acho que é bom para o crescimento da criança

e do pai." (Pai da Madalena e da Sandra)

"O que é importante é ver as coisas do lado das crianças. É fundamental terem um pai e uma mãe que tratam delas, não é só uma mãe..." (Mãe da Madalena e da Sandra)

"O bebé ganha a dobrar em afecto em segurança porque sente que tem a mãe e também o pai." (Enfermeira)

A participação activa do pai pode também jogar um papel importante na qualidade da relação mãe-criança. Lamb (2000) concluiu, num trabalho de investigação, que quando os pais se envolvem nos cuidados à criança e são um suporte emocional para as mães contribuem para a qualidade da relação mãe-criança. Os resultados desta investigação encontram eco nas palavras de uma das entrevistadas neste projecto, que afirma:

"O pai ao estar presente também possibilita que as relações entre mãe-filho sejam mais saudáveis." (Mãe do Filipe)

Algumas das pessoas entrevistadas põem em evidência a importância da participação do pai na medida em que se distingue da mãe. Consideram que aquilo que pai oferece à criança é necessariamente diferente do que a mãe oferece e, sendo assim, a participação activa do pai vem enriquecer a experiência da criança.

Alguns dos trechos que se seguem dão expressão a esta perspectiva de que a presença do pai tem valor desenvolvimental para a criança, dado que enriquece e diversifica a sua experiência.

"Para a Marta certamente é bom passar mais tempo com o outro progenitor, aprender outras coisas, ter outros estímulos que a mãe pode não proporcionar, pois somos seres diferentes e termos perspectivas de vida diferentes. Acho que é bom para ela poder participar destes dois mundos." (Pai da Marta).

"Mãe e o pai são igualmente importantes. Os dois têm papéis diferentes, as relações não são iguais, mas são ambas fundamentais para o bom crescimento e desenvolvimento da criança." (Mãe do Filipe)

"A criança passa pela experiência de ser cuidada por um homem e por uma mulher, pelo pai e pela mãe. As mãos cuidadoras de um homem e de uma mulher são diferentes. O bebé recebe e percebe as diferenças de cuidado. Provavelmente, este bebé ao crescer terá estas duas valências, estas duas formas de cuidar. Este modelo de cuidado vai ser mais integrado, mais humano e menos clivado." (Psicóloga)

3.7. Ampliação do tempo de permanência do bebé em casa

Três das mães entrevistadas evocam como motivo para a partilha da licença o prolongamento do tempo que o bebé pode permanecer em casa aos cuidados dos pais, uma vez que a lei actual prevê uma bonificação de 30 dias concedida no caso de pai e mãe optarem por partilhar a licença parental inicial. Este tempo adicional permite ampliar o tempo que a criança fica em casa entregue aos cuidados dos pais, retardando, assim, a entrega da criança a cuidados de terceiros.

"Para mim, era óbvio que o melhor para a minha filha era estar connosco o máximo possível. A bebé pôde ficar 7 meses em casa e foi cuidada de perto tanto pela mãe como pelo pai." (Mãe da Catarina)

"É um bónus e é a única forma de conseguirmos beneficiar da possibilidade da criança ficar em casa mais um mês." (Mãe da Eleonora)

Quando a criança fica em casa com o pai, o regresso da mãe ao emprego é vivido com mais tranquilidade e confiança. As frases que se seguem dão conta desta vivência.

"É muito mais tranquilo... É completamente diferente voltar a trabalhar, sabendo que está com o pai, do que com outra pessoa qualquer. O nível de confiança é completamente diferente..." (Mãe da Eleonora)

[Referindo-se à mãe da criança] *"deve ter ficado mais tranquila pela bebé estar comigo e não ter ido logo para uma creche. E isto permitiu que ela estivesse mais relaxada no local de trabalho."* (Pai da Marta).

"Logo depois da primeira semana da licença do pai fiquei muito descansada porque percebi que a bebé ficava muito bem com o pai [...]. Podia ficar a trabalhar até mais tarde." (Mãe da Marta)

3.8. Ganhos para a relação do casal

A chegada de uma criança implica um conjunto de transformações na vida da família: há obrigações e

cuidados acrescidos e dá-se uma redução drástica no tempo disponível para a "vida a dois".

O nascimento de um bebé provoca em alguns homens a vivência de um sentimento de exclusão da dinâmica familiar. José Francisco Sánchez (AHIGE), na comunicação que apresentou no Evento Final do Papá dá Licença?, reconhece que o nascimento da criança se constitui como um momento de crise em muitos casais: a mulher, de repente, dedica todo o tempo do mundo ao filho e deixa de o dedicar ao seu companheiro. Alguns homens pensam: "a minha parceira já não me quer...".

Envolver-se activamente nesta fase ajuda o homem a ultrapassar esses sentimentos de abandono e a lidar positivamente com esta situação. Perspectivas semelhantes surgem nas entrevistas realizadas, como pode ler-se nos trechos que de seguida se transcrevem.

"O aparecimento de uma filha é, de certa maneira, desestruturante da dinâmica do casal. Há uma dinâmica nova que está a se implementar. Ter este tempo da licença é também positivo neste sentido." (Pai da Bruna)

"Alguns homens queixam-se que as mulheres mudam quando se tornam mães, que eles passam para segundo plano...a licença pode atenuar esse sentimento. [...] Os dois sabem que é uma relação que merece toda a dedicação e que o casal precisa crescer junto e reaprender a viver a vida de casal, agora como família..." (Mãe da Catarina)

"Em muitos casais pode haver uma fase de afastamento, no nosso caso aconteceu o contrário

por causa das nossas opções. Vencemos o desafio de passarmos de casal para família [...]. O casal fica mais próximo se vivenciarem em conjunto este desafio." (Pai do Filipe)

José Francisco Sánchez, na sua comunicação no evento Final do Papá dá Licença?, elenca um conjunto de ganhos para a relação do casal associados ao compromisso do pai com o que chama a "criação" dos filhos, que faz com que a relação seja mais próxima, mais rica e mais justa, ao mesmo tempo que permite que o homem conheça melhor a sua parceira, que agora é a mãe dos seus filhos.

Nas frases das entrevistas, que em seguida se transcrevem, é nítido o reconhecimento da partilha dos cuidados do bebé enquanto via de fortalecimento da relação do casal.

"Como o trabalho e a responsabilidade foram realmente partilhados, estamos muito próximos um do outro, apoiamo-nos e entendemo-nos em relação ao bebé." (Mãe do Filipe)

"O apoio mútuo na maternidade e paternidade reforça a relação de casal [...]. Os homens são mais admirados e valorizados pelas suas mulheres se forem pais participativos". (Psicóloga)

The slide features a solid blue background. In each of the four corners, there is a stylized, light blue footprint. Each footprint is composed of a series of horizontal lines of varying lengths, creating a sense of depth and movement. The footprints are positioned as if they are stepping outwards from the center of the slide.

4. *Recomendações para passos de gigante*

4.1. Reduzindo os obstáculos no mercado de trabalho

As pressões laborais são, como antes pudemos observar, um dos factores a que é atribuído maior peso na justificação da subutilização das licenças parentais por parte dos homens.

Para que os homens, cada vez mais, possam acompanhar os quotidianos e o crescimento dos seus filhos e das suas filhas, desde os primeiros tempos de vida, são decisivas mudanças no mercado de emprego. É necessário que as organizações empregadoras adoptem formas de organização do trabalho e de gestão dos recursos humanos que tornem possível o envolvimento paterno.

Para tal, é fundamental que se reforce a convicção de que não é necessário escolher entre ser-se um pai envolvido ou um trabalhador empenhado. Conciliar estes dois papéis é possível e traz benefícios para todos.

Abaixo podemos ler trechos das entrevistas feitas a pessoas com responsabilidades significativas na gestão de 2 empresas, que evidenciam ganhos associados a uma boa articulação das responsabilidades laborais e parentais.

“Isto é positivo para a própria entidade, uma vez que permite uma melhor qualidade de vida aos seus trabalhadores, com consequente aumento da produtividade, melhoria do ambiente laboral e uma maior fidelização dos próprios trabalhadores à entidade. É uma estratégia Win-Win.” [Sócio Gerente de empresa com 22 colaboradores]

“É importante facilitar a conciliação dos colaboradores, quer sejam homens ou mulheres. As pessoas que equilibram a sua vida pessoal com a vida profissional são pessoas mais felizes, o que as torna mais produtivas, mais criativas e mais empenhadas.” [Administradora de empresa com 3000 colaboradores/as]

As entidades que facilitam esta articulação entre os papéis de pai e de trabalhador contam com colaboradores menos divididos e com níveis de satisfação mais elevados com a entidade empregadora — o que se traduz em maior compromisso, lealdade e produtividade.

Pelo contrário, quando os colaboradores prescindem de aspectos fundamentais da sua vida privada, por razões de trabalho, há custos pessoais e familiares, mas há também custos, a médio e longo prazo, para as entidades empregadoras. A ansiedade e a frustração geradas nos colaboradores, por não serem os pais que gostariam de ser, têm reflexos negativos na sua prestação enquanto profissionais e está muitas vezes associada a rupturas com a entidade empregadora, como podemos ler nas palavras de uma das nossas entrevistadas:

“Quando as pessoas sentem que têm que prescindir de investimentos pessoais e familiares que são para si importantes, por motivos de trabalho, podem acabar por deixar a empresa que corre o risco de perder colaboradores competentes, experientes e comprometidos.” [Administradora de empresa com 3000 colaboradores/as]

Reconhecendo a possibilidade e os ganhos que advêm de facilitar paternidades “bem vividas”, há entidades que inovam, comprometendo-se activamente com a sua promoção. Os trechos das entrevistas que se seguem traduzem uma abordagem empresarial positiva relativamente ao empenho paterno e ao gozo das licenças por parte dos homens.

“Sim, acolho bem a decisão de um colaborador de gozar a licença parental, penso que é um homem com visão, arejado, capaz de fazer diferente [...]. Em vez de andarmos “a reboque” das mudanças, devemos promovê-las e comprometer-nos com aquelas que são socialmente positivas [...]. O gozo das licenças parentais por parte dos homens é algo novo. Algumas organizações temem e resistem às mudanças, ficam no mesmo sítio quando tudo muda, tornando-se obsoletas...” [Administradora de empresa com 3000 colaboradores/as]

“É um direito que lhe assiste e as empresas só têm que estar preparadas para fazer substituições, promover que o trabalhador possa gozar deste direito, sem que ninguém saia prejudicado.” [Directora de Recursos Humanos de empresa de 150 colaborador/as]

É conveniente que a informação sobre a lei em vigor em matéria de protecção da maternidade e da paternidade seja amplamente divulgada nas organizações, de forma a diminuir o desconhecimento por parte dos colaboradores, dando ao mesmo tempo um sinal claro do compromisso da entidade empregadora com o cumprimento da lei. A empresa de 3000 colaboradores, cuja administradora entrevistámos, incluiu no seu “guia do colaborador” informações sobre esta lei.

Favorecer o envolvimento activo do pai poderá passar pelo facto de as entidades empregadoras demonstrarem claramente que valorizam a paternidade e a conciliação trabalho — família dos seus colaboradores e que lhes oferecem a segurança de que a decisão de gozarem das licenças previstas na lei não terá reflexos negativos na sua vida profissional. Esta recomendação aparece plasmada nas palavras que se seguem, extraídas de duas das entrevistas realizadas no projecto.

“As entidades empregadoras, nestas situações, têm que ter uma atitude que demonstre aos seus colaboradores que o poderão fazer sem qualquer consequência. Pro-activamente devem manifestar que isso é uma questão que não irá pôr em causa o posto de trabalho... É um sinal para os homens estarem mais abertos a usar as licenças de parentalidade.” [Sócia Gerente de empresa com 8 colaboradores/as]

“Os pais são informados do seu direito e de forma nenhuma, sofrem qualquer tipo de represália por usufruirmos da licença. Usufruem do tempo de licença e, no regresso, são enquadrados nos mesmos postos de trabalho, com as mesmas expectativas de progressão profissional que as anteriores.” [Sócio Gerente de empresa com 22 colaboradores]

4.2. Promovendo a participação do pai através dos serviços

Os serviços de saúde podem desempenhar um papel estratégico na promoção da participação activa do pai no cuidado das crianças e na promoção da utilização mais frequente e alargada das licenças concedidas aos homens, aquando do nascimento.

Ao longo da gravidez, no parto e nos primeiros tempos de vida das crianças, os profissionais de saúde têm um contacto directo frequente e intenso com as famílias. São, por outro lado, figuras de referência e confiança para os pais. Os seus discursos e atitudes têm, por isso, muita relevância na modelação dos comportamentos do pai e da mãe face aos cuidados da criança.

Estes profissionais podem contribuir para a perpetuação das práticas e dos modelos de cuidado dominantes, reforçando o entendimento de que a mãe é a protagonista “natural” dos cuidados da criança, ou contribuir para mover o pai da tradicional posição periférica, promovendo a sua co-responsabilização por esses mesmos cuidados.

Um estudo desenvolvido no Chile sobre a participação dos pais no sistema público de saúde concluiu que as atitudes dos profissionais face à equidade de género e à paternidade são uma variável relevante, que pode facilitar ou dificultar a participação dos pais no cuidado dos filhos (Aguayo, F., Kimelman, E. y Correa, P., 2012)

Nos serviços de saúde, à semelhança do que acontece na sociedade em geral, o pai é muitas vezes

remetido para um papel secundário enquanto cuidador. Seguem-se alguns extractos das entrevistas dos pais onde aparece expressa a condição e o sentimento de exclusão do pai na interface com os serviços de saúde.

“Os médicos, pediatras, enfermeiros só olhavam para a mãe e diziam: “Mãe, o que o bebé tem comido, etc..?” [...] sentia mesmo que não fazia ali nada nas consultas.” [Pai do Filipe]

“De um modo geral, o discurso é sempre muito mais virado para a mãe, como se só ela cuidasse dos Filhos.” [Pai da Catarina]

“A pediatra fala sempre muito mais virada para a mãe do que para mim. Mas depende da forma como nos colocamos. Se dermos feedback, colocarmos questões, passam a falar com os dois.” [Pai da Eleonora]

“Eu já notei isso, quando o Filho está doente, o médico pergunta: “é o pai?”, “Sim, sou o pai.” “E a mãe?”. É curioso...” [Pai do André]

Nas entrevistas realizadas a profissionais de saúde, surge também o reconhecimento de que nem sempre a participação paterna é valorizada, como pode ler-se nos trechos que abaixo se transcrevem.

“Muitas vezes os profissionais de saúde não lidam da mesma forma com pais e mães, maioritariamente dirigem-se às mães para dar informação sobre os cuidados a prestar à criança e nem falam com os pais. [...] No parto, ainda há obstetras e parteiras que se pudessem, dispensavam os pais.” [Psicóloga]

“Tenho que reconhecer que o pai não é muito envolvido pelos profissionais. É claro que o pai se sente à margem nas consultas [...]. Houve um avanço em algumas áreas, por exemplo no bloco de partos, a equipa de enfermagem já envolve muito mais os pais. Mas, nos serviços de acompanhamento às grávidas, ainda estamos aquém do que eu gostaria.” [Enfermeira]

Para que haja um maior envolvimento paterno no cuidado das crianças é importante que os profissionais de saúde, que lidam com pais e mães, problematizem e mudem as suas atitudes, revendo os lugares ocupados pelo pai e pela mãe no cuidado e na vida da criança.

A partir das entrevistas realizadas a profissionais de saúde foi possível identificar um conjunto de atitudes e de boas práticas favoráveis à promoção do envolvimento paterno nos cuidados quotidianos das crianças. Transcrevem-se, de seguida, trechos das referidas entrevistas.

“Os profissionais de saúde são fundamentais para que as mentalidades se modifiquem, passando a ideia de que um pai pode ser tão competente como uma mãe. E isto faz-se com vontade, responsabilização e aprendizagem.” [Terapeuta Familiar]

“Podemos e devemos encorajar o gozo partilhado da licença parental porque temos relações próximas e de confiança com as famílias.” [Médico de Família]

“Os profissionais de saúde devem envolver e encorajar mais os pais enquanto cuidadores activos. Devem falar directamente com o pai sobre os seus filhos [...]. Sempre achei que era minha função incentivar

a participação paterna. Se os/as profissionais de saúde costumam perguntar: “ei, mãe!”, eu faço o contrário: “ei, pai!”[...] Desta forma, evita-se também que o pai sinta que está a ser posto de parte. Convoco-os no papel de cuidador dos filhos mas também no apoio à companheira.” [Psicóloga]

“Os profissionais devem reconhecer que tanto a mãe como o pai trazem informações fundamentais sobre o bebé. É importante envolver de igual forma mães e pais para que eles também estejam em sintonia e trabalhem em conjunto. [...] Recomenda, por exemplo: “a mãe amamenta, mas é o pai que põe o bebé para arrotar e trocar a fralda. Os profissionais de saúde podem envolver mais os pais-homens e incentivarem a pró-actividade nos mesmos. [...] Nos cursos de preparação dos cuidados com os bebés, são os pais que são convidados simular os cuidados, por exemplo, trocar fraldas, dar banho [...].” [Enfermeira]

São diversos os contextos a partir dos quais profissionais de saúde poderão incentivar uma participação do pai na vida e no cuidado das crianças. A produção de materiais informativos sobre o período de gestação e nascimento que incluam efectiva e explicitamente a participação do pai é, neste sentido, uma estratégia relevante. Assim como é de importância central a divulgação, junto de potenciais utilizadores, de informação sobre a lei em vigor, que protege a maternidade e a paternidade.

É importante que os profissionais de saúde comuniquem confiança aos homens nas suas competências de cuidado, passem a mensagem de que se aprende a cuidar cuidando, e que reconheçam explicitamente

o impacto positivo do envolvimento do pai, desde os primeiros tempos de vida, no desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança.

É também importante criar condições para que o pai se sinta acolhido nos serviços de saúde e que a sua participação seja solicitada em diferentes momentos: nas sessões de preparação para o nascimento, nas consultas e exames pré-natais, no parto, nas consultas neonatais, etc. Ao mesmo tempo, é preciso que estas sessões possam facilitar a inclusão “confortável” dos homens, para que não se sintam a participar num curso dirigido às mães.

De seguida, transcreve-se um trecho de uma entrevista onde um pai analisa criticamente a atitude da enfermeira responsável pelo desenvolvimento do curso preparatório para o parto.

“No curso de preparação para o parto, como pai, como homem, devo dizer que 80% da conversa é dirigida à mulher.” (Pai da Madalena e da Sandra)

Os serviços de saúde ou outros serviços da comunidade poderão também criar espaços de partilha e de aprendizagem relacionados com a paternidade, especificamente dirigidos a homens. José Francisco Sánchez, Coordenador da Asociación de Hombres por la Igualdad de Género (AHIGE), na comunicação que apresentou no evento final do Papá dá Licença?, fala da relevância do trabalho que a sua Associação desenvolve com grupos de homens que aprofundam colectivamente as questões da paternidade.

São espaços de diálogo onde os homens dão expressão ao que se passa consigo, onde partilham, com outros, as suas experiências de paternidade

e perspectivam o pai que querem ser para os seus filhos. Esta tarefa é, segundo José Francisco Sánchez, particularmente exigente porque são escassos os modelos disponíveis de pais igualitários, próximos e envolvidos. Por outro lado, a maioria dos homens resiste a apropriar-se dos modelos oferecidos pelo pai, por não quererem reproduzir, na relação com os seus filhos, a distância física e emocional que, na infância, marcou a relação com ele.

Nestes grupos de homens, questionam-se também os estereótipos de género que limitam o envolvimento paterno e constroem-se competências mobilizáveis na relação e no cuidado das crianças.

Ao passo que há um conjunto de respostas e condições que apoiam a mulher na assunção deste novo papel de mãe, como vimos socialmente muito valorizado, são poucos os contextos e as condições criadas para que os homens se adaptem positivamente ao papel de pais. O nascimento de uma criança é, frequentemente, encarado como parte do “mundo feminino”.

Num dos encontros de sensibilização do Papá dá Licença?, um pai deu um testemunho sobre as repetidas vezes em que lhe é vedada a possibilidade de falar sobre a gravidez e o futuro nascimento do filho – sendo este um “não assunto”, entre homens. A título de exemplo, referiu o quanto seria atípico levar a imagem da ecografia para mostrar aos colegas de trabalho. Pelo contrário, a sua mulher grávida é constantemente abordada por pessoas estranhas que perguntam o tempo da gravidez, se é menino ou menina, se se tem sentido bem. Diz esse pai: ***“Dão conselhos e ignoram o pai mesmo que esteja sentado ao seu lado.”***

4.3. Aperfeiçoando-se a legislação de protecção da paternidade

Como vimos ao longo destas páginas, as mulheres assumem a maior parte dos cuidados das crianças, em particular nos primeiros tempos de vida. A partilha equitativa das responsabilidades e tarefas ligadas à família está ainda longe de ser uma realidade, apesar da participação massiva das mulheres no mercado de trabalho remunerado e no espaço público.

O aumento da participação dos homens na esfera doméstica e, em particular, no cuidados das crianças é de importância central e decisiva para o avanço da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, não só na família mas também no mercado de trabalho, onde as mulheres têm sido sujeitas a discriminações de várias ordens associadas à maternidade.

A maternidade tem, efectivamente, funcionado como um estigma no mercado de emprego, condicionando processos de contratação, de progressão e de realização profissional das mulheres.

O aumento do gozo das licenças por parte dos homens e o aumento do absentismo masculino associado ao exercício da paternidade poderão contribuir de forma significativa para desencadear transformações nas visões e nos comportamentos discriminatórios das organizações empregadoras face às mulheres.

O gozo mais alargado das licenças por parte dos homens conduziria, assim, a uma maior igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Esta afirmação, como pode ler-se nos trechos das

entrevistas que a seguir se apresentam, encontra eco nas palavras ditas nas entrevistas.

“O usufruto deste direito por parte dos homens só traz benefícios para as mulheres seja na esfera privada, seja na esfera pública. Na privada, não serão as únicas cuidadoras dos filhos e filhas, os pais “saberão” cuidar das suas crianças e vão perceber que isto não vem nos genes, vem da prática. Na esfera pública, ganharão com a alteração das mentalidades de que as mães é que interrompem carreiras pelos seus filhos e filhas. Os homens também o farão. Por isto, não fará mais sentido perguntarem às mulheres se elas pensam em ter bebés, quando vão às entrevistas de emprego.” (Mãe da Catarina)

“Nas empresas pensam: “agora que foste mãe, já não tens tanta disponibilidade para nós.”, quando regressei ao trabalho, depois da licença senti que queriam saber como seria dali para frente, já que eu me tinha tornado mãe: Vais faltar muito? Vais poder ficar até mais tarde?” (...) Se houver mais homens a partilhar a licença parental, diminui-se a discriminação sobre as mulheres no mercado de emprego.” (Mãe do Filipe)

“Quando há uma mulher e um homem candidatos a emprego, com igual perfil, continua-se a preferir o homem por se antecipar que a mulher poderá engravidar e faltará mais por estar mais implicada com os cuidados à família. Se se vier a acentuar a tendência para uma maior partilha entre homens e mulheres das licenças parentais haverá uma maior igualdade entre homens e mulheres no mercado de emprego, reduzindo-se a discriminação das mulheres em idade de ter filhos.” (Administradora de empresa com 3000 colaboradores/as)

“Isso vai levar a que as mulheres não sejam tão discriminadas pelo facto de terem filhos.” (Sócia gerente de empresa com 8 colaboradores/as)

[Referindo-se aos efeitos do eventual aumento do tempo de utilização das licenças por parte dos homens:] *“Diminuiria a estigmatização da maternidade”*. (Sócio gerente de empresa com 22 colaboradores)

Se é verdade que a lei actual equipara os direitos de pai e de mãe aquando do nascimento de uma criança, também é verdade que se mantêm significativas as discrepâncias no tempo que os homens e as mulheres portuguesas se ausentam do seu posto de trabalho, na sequência do nascimento de uma criança, como referiu Maria do Céu Cunha Rêgo na sua comunicação no Encontro Final do Projecto Papá dá Licença?

Segundo dados de 2008 do Instituto de InFormática, IP – Ministério do Trabalho e da Segurança Social, em Portugal, as mulheres estiveram mais 8.748.614 dias ausentes do posto de trabalho por razões de maternidade do que os pais por razões de paternidade. A amplitude destas diferenças tem reflexos negativos importantes na contratação e na progressão das mulheres no mercado de emprego.

Face a esta realidade, Maria do Céu Cunha Rego defende que a natureza voluntária da licença por paternidade passe a obrigatória, evitando a pressão social, laboral e económica sobre os homens para que não a gozem e reduzindo a assimetria no número de dias que mulheres e homens faltam ao trabalho para atender a filhos e filhas.

Nas entrevistas realizadas neste projecto surgem posições no mesmo sentido. De seguida, podem ler-se trechos de entrevistas consonantes com esta perspectiva.

“Acho que os pais deviam ser obrigados a gozar da sua parte da licença. Acho que não devia ser opcional, que devia ser totalmente exterior às entidades empregadoras, uma obrigação (...). É pena que tenha que ser obrigatória, mas é a única maneira de se conseguir chegar lá (...). Se quer os homens quer as mulheres, quando nasce uma criança, tivessem que ficar o mesmo tempo em casa, as mulheres não eram preteridas em relação aos homens (...). É importante terminar com estas barreiras de diferenciação do peso que tem a parentalidade para as mulheres e para os homens.” (Sócia Gerente de empresa com 8 colaboradores/as)

“Acho que é uma questão muito delicada, mas como primeira acção, tornar a licença paterna de um mês obrigatória.” (Pai da Catarina)

4.4. Pais e mães partilhando os cuidados

No capítulo III desta publicação foram elecados ganhos percebidos e experimentados, associados à partilha e ao gozo das licenças, por parte do homem, aquando do nascimento de um filho.

E são relevantes e diversos os motivos que dão sentido à entrada do pai na vida da criança.

Os vínculos entre pai e criança fortalecem-se, as gratificações emocionais ampliam-se, o pai torna-

se mais capaz de responder às necessidades das crianças, que retiram benefícios importantes desta proximidade com o pai, em termos relacionais e desenvolvimentais.

Por outro lado, a família torna-se um lugar mais justo quando homens e mulheres partilham as preocupações e as ocupações que fazem parte da parentalidade. Reduz-se a sobrecarga das mulheres e criam-se condições para vivências mais gratificantes da maternidade e para que as mulheres se realizem também em outras esferas de vida.

Como nos lembra José Francisco Sánchez, na comunicação no Encontro Final do Projecto Papá dá Licença?, a igualdade não consiste em “tirar aos homens para dar às mulheres”. Os homens também ganham com a igualdade. Há privilégios concedidos aos homens nos sistemas patriarcais que são “presentes envenenados”, desde logo porque os afastam desse universo dos afectos.

Por todos estes motivos, faz sentido que homens e mulheres partilhem as responsabilidades e as tarefas ligadas à parentalidade e que questionem as crenças enraizadas relativas aos papéis familiares tradicionais, que fazem com que as mulheres sintam confirmada a sua feminilidade quando cuidam e os homens a sua masculinidade quando não o fazem.

Por todos estes motivos faz sentido que os homens respondam sim à questão: “Papá dá Licença?”

BIBLIOGRAFIA

Aguayo, F., Kimelman, E. & Correa, P. (2012). *Estudio sobre la Participación de los Padres en el Sistema Público de Salud de Chile*. Informe Final. Chile: Cultura Salud/MINSAL.

Allen, S. M., & Hawkins, A. J. (1999). Maternal gatekeeping: Mothers' beliefs and behaviors that inhibit greater Father involvement in family work. *Journal of Marriage and the Family*, 61 (1), 199–212.

Badinter, Elisabete (1998). *O Amor Incerto – História do Amor Maternal do séc. XVII ao séc. XX*. Lisboa: Relógio D' Água Editores.

Badinter, Elisabete (2010). *O Conflito: a Mulher e a Mãe*. Lisboa: Relógio D' Água Editores.

Cordeiro, Mário (2013). *Vou ser Pai*. Lisboa: Marcador.

Balancho, L.S. (2003). *Ser Pai Hoje*. Lisboa: Editorial Presença.

Ducan, Simon. (1995) Theorizing European Gender Systems. *Journal of European Social Policy*, v. 5, n. 4, p. 263–284.

Graal (1999). *Manifesto para uma Sociedade Activa*. Lisboa: Graal.

Hwang, C. P., & Lamb, M. (2002). Father involvement in Sweden: A longitudinal study of its stability and correlates. *International Journal of Developmental Psychology*, 32, 391–416.

Lamb, M. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage and Family Review*, 29, 23–42.

Perista, Heloísa (2002). Manutenção das desigualdades de género nos usos do tempo dedicado às tarefas domésticas e aos Filhos. *Análise Social*, n.º 163, (n.º temático "Famílias"), pp. 447–474.

Rêgo, Maria do Céu C. (2010). A construção da igualdade de homens e mulheres no trabalho e no emprego na lei portuguesa. In Virgínia Ferreira (org.). *A Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal: Políticas e Circunstâncias*. Lisboa: CITE, pp. 57–98.

Sarkadi, A., Kristiansson, R., Oberklaid, F. & Bremberg, S. (2008). Fathers' involvement and children's developmental outcomes: a systematic review of longitudinal studies. *Acta Paediatrica* 97, pp. 153–158.

Torres, Anália (2001). *Sociologia do Casamento. A Família e a Questão Feminina*. Oeiras: Celta Editora.

Wall, Karin, Aboim, Sofia, Cunha, Vanessa (Eds.). (2010). *A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

O GRAAL AGRADECE

Aos pais e mães que partilharam a licença parental, aos profissionais de saúde, aos empregadores, aos meninos e às meninas do Jardim de Infância de São José do Agrupamento de Escolas Baixa-Chiado que enriqueceram este projecto partilhando as suas vivências e perspectivas.

À equipa do Jardim de Infância de São José, pela sua abertura e pelo empenho na organização da exposição sobre o pai.

À Dr.ª Maria do Céu Cunha Rêgo pela disponibilidade, pelo entusiasmo e pelos valiosos contributos dados em diferentes momentos da vida deste projecto.



